

Sumário descritivo

GA 61 História do ser humano à luz da pesquisa espiritual

Rudolf Steiner Verlag Dornach 1983

Tradução: Salvador Pane Baruja, 04/01/2022

Uso particular e sem fins lucrativos

Sumário

I. O ser humano na sua relação com o mundo supra-sensorial

Berlim, 19 de outubro de 1911

Rokitsky era da opinião de que as ciências naturais não excluem a necessidade metafísica.

Max Planck afirmou que também a física se choca com o supra-sensorial. Parmênides avançou em direção aos pensamentos abstratos, mas essa construção mental nunca vai esgotar por completo a vida. O eu deve ser fortalecido pelo entusiasmo. A sensação de desconhecimento deve ser iluminada pela coragem anímica. Aí então pode ser vivenciada a libertação do corpo físico. A pergunta é: o ser humano só pode penetrar a realidade pelo pensar? O místico vivencia no seu interior a faísca divina. O homem vivencia que toda a sua existência tem raízes no mundo eterno.

II. Morte e imortalidade à luz da ciência espiritual

Berlim, 26 de outubro de 1911

A psicologia não achou a verdadeira essência da vida anímica. A observação materialista dirige a sua atenção somente àquilo que é captado sensorialmente. O núcleo da essência anímico-espiritual, que contém o resultado de vidas anteriores, une-se à corrente hereditária, que permeia o ser humano. Lessing, Drobach e Widenmann chegaram ao conhecimento da reencarnação. A fisionomia humana expressa as marcas da vida anímica. Ao adormecer e ao acordar, o homem choca-se com o supra-sensorial. Ao adormecer, ele entra numa essência interior. Por meio da meditação, chega ao adormecer consciente, como quando ele cresce no mundo espiritual. Entidades espirituais formam o fundamento do mundo sensorial exterior. Ao acordar, a pessoa mergulha na sua corporalidade. Assim que o ser humano começa a levar uma vida consciente, interioriza a necessidade de morrer. No corpo que se desenvolve, pode-se ver o resultado de uma vida anterior e, naquilo que conquistamos, o germe de uma vida futura. A morte existe para processar de maneira nova aquilo que nós conquistamos interiormente numa vida. À medida que avançamos em direção à morte, cresce a nossa vida interior.

III. O sentido do profetismo

Berlim, 9 de novembro de 1911

Na época de Kepler, profecia e astrologia eram vistas conjuntamente. Na época grega, a sacerdotisa Pythia era levada a outro estado anímico através da fumaça ascendente. Os profetas do Velho Testamento viam a sorte e o azar do seu povo. Nostradamus enxergava o futuro em imaginações. Tycho de Brahe previu a morte do sultão Solimão. Os homens acreditavam nas relações entre o grande e o pequeno mundos. O ritmo ocorre em ambos os mundos. Existem pontos de inflexão na vida humana. As causas anteriores geram efeitos no futuro no mesmo número de anos. O mundo grego-latino é uma espécie de nó górdio no desenvolvimento da humanidade. As aparições da época egípcia se refletem na cultura ocidental, as da época protopersa na próxima época cultural. Após quatro vezes um período de sete anos, o que é importante chega à sua conclusão. Isso corresponde ao movimento de translação de Saturno. Nascimento e morte também ocorrem em ritmos. Tycho de Brahe tinha a alma de um velho grego, que quer ver em toda a parte a harmonia dos mundos. Os seres humanos com forças adicionais dirigem a evolução da humanidade. Se surgirem obstáculos, essas forças podem se desenvolver em clarividência. O conhecimento correto do passado permite que imagens do futuro surjam na alma.

IV. De Paracelso a Goethe

Berlim, 16 de novembro de 1911

Paracelso tinha uma vida de peregrino. Ele ouvia a natureza falando vários tipos de idiomas. O ser humano é por toda parte um fruto da existência natural de cada lugar, um pequeno ser no macrocosmos. O homem leva em si o Arqueo, o construtor interior, que transforma as substâncias em veneno ou em elementos curativos. Ele encontra em todos os diferentes órgãos uma construção interior do mundo. Depois, ele vê as paixões e, finalmente, as causas das doenças a partir da evolução integral do desenvolvimento espiritual. Paracelso vivia nos elementos anímico e moral do doente. Ele influenciou Goethe e colaborou na figura do Fausto, do qual Goethe mostra o desenvolvimento anímico interior. Fausto avista como o espírito na natureza também impulsiona as forças anímicas interiores. O elemento do Fausto virou o olhar clarividente na natureza.

V. As profundezas ocultas da vida anímica

Berlim, 23 de novembro de 1911

A memória está ligada ao corpo etérico, o que se vê na doença de Nietzsche. O sonho aponta para algo que acontece durante o sono. A essência interior trabalha no organismo humano para que ele seja cada vez mais jeitoso. Isto pode se revelar em vivências que se repetem nos sonhos. Uma abrangente ação lógica habita a vida anímica inconsciente. Eventos acontecidos há muito tempo e já esquecidos ainda podem agir no inconsciente. Uma abrangente atividade racional flui na vida anímica inconsciente. Acontecimentos esquecidos há muito tempo ainda pode agir no inconsciente. Ao lado da vida consciente, existe uma corrente inconsciente na vida anímica. Ao descer nas profundezas da alma, entramos em contato com a fantasia, as forças clarividentes e outros amplos mundos que, em geral, permanecem invisíveis. Ao meditar, através da força de vontade, a pessoa imagina conteúdos. O ser humano toma consciência daquilo que a sua vida anímica quer levar à amplidão dos mundos e do que nele age, vindo de distantes espaços. O que foi vivido no supra-sensorial pode ser transmitido para a consciência diurna. A ciência espiritual informa de maneira lógica.

VI. A sorte, sua essência e a sua aparência

Berlim, 7 de dezembro de 1911

O ser humano pode encontrar obstáculos na vida. E vivenciar as forças de sua essência. As representações da sorte são diferentes, conforme a essência de cada pessoa. Sorte e azar podem ser muito subjetivos. A sorte se apresenta como aquilo que cuida da harmonia das forças anímicas. O carma pode realmente ser uma lei esclarecedora, mas sua interpretação só se justifica quando enriquece a vida. Ele dirige embriões no núcleo interior, que levam à alta perfeição. Um ato de sorte pode ser visto como o início de um desenvolvimento posterior; um ato de azar, como o efeito do próprio desenvolvimento. O que se apresenta vindo do exterior, é gerado por algo interior. Azar é uma exortação para a pessoa tornar-se mais perfeita. Observar cada aspecto isoladamente significa olhar somente a aparência. A essência e o sentido da vida de uma pessoa só se tornam visíveis quando os observamos na sua totalidade. A pessoa transforma a aparência em realidade. A autêntica essência da sorte só se mostra quando a pessoa incorpora os eventos exteriores da vida ao desenvolvimento de sua essência.

VII. O profeta Elias à luz da ciência espiritual

Berlim, 14 de novembro de 1911

A antiga clarividência ainda existia na época de Elias. A rainha Jesabel tinha esse dom. O rei Ahab tinha visões, quando se defrontava com questões muito importantes do destino. Sabia-se que a religião de Moisés tinha a religião de Javé como embrião. Então surgiu um aperfeiçoamento, uma evolução. Dom de verdade tinha a pessoa que, mesmo na maior miséria, não tremia quando levantava os olhos para o deus invisível. Em épocas revolucionárias, devem existir pessoas em cujos corações inicialmente algo se consuma. Elias era uma delas. Nele se consumou uma iniciação

mística de primeiro grau. Naboth era o nome da pessoa que levava em si Elias. Ele se preparou para juntar-se ao rei Ahab. Elias foi morto. Seu discípulo foi Elisa. As imagens que contam a história de Elias tornam-se compreensíveis graças à pesquisa espiritual. Elias representa o trabalho contínuo do pensamento de Javé para a humanidade.

VIII. A origem do ser humano à luz da ciência espiritual

Berlim, 4 de janeiro de 1912

Haeckel representou a idéia de que o ser humano descende do elevado mundo animal. Outros pesquisadores da natureza como Klaatsch e Snell discordaram. Segundo essa teoria, os mamíferos têm sua origem numa forma primitiva. Eles teriam se desenvolvido. O ser humano teria sido o mais fiel deles. Na verdade, o anímico-espiritual do ser humano surgiu primeiro e tomou a estrutura básica de sua essência material a partir das relações hereditárias. No interior da corporalidade ficou ainda tanta flexibilidade que o núcleo central anímico-espiritual pode mudar. Os animais não adaptaram sua forma às condições terrestres posteriores. Só se pode transmitir a ciência espiritual quando as vivências chegam à consciência e podem ser expressadas em conceitos. Do mesmo modo que olhamos o início das encarnações, também contemplamos o seu fim, quando o ser humano será novamente recebido no mundo espiritual.

IX. A origem do mundo animal à luz da ciência espiritual

Berlim, 18 de janeiro de 1912

Fechner e Preyer imaginaram que a Terra seria um ser vivo. Darwin achava que o Criador incutiu vida na essência primeva do ser humano, assim como Lamarck. Segundo este último, os impulsos espirituais devem ser utilizados para o desenvolvimento. O espiritual do ser humano só pode ter surgido de um outro espiritual anterior. No início, a Terra era viva e espiritualizada. O corpo da Terra estava envolta no espírito da Terra. Nela agiu aquilo que mais tarde virou forma. O princípio da forma deve ser pensada como um princípio espiritual. O espírito criou a matéria. No final, o ser humano passou do estado amorfo para a forma. Determinadas formas animais se adaptaram a certas regiões da Terra. O princípio da forma determinou a estrutura do ser humano através do espiritual. No caso do animal, o princípio da forma usou mais elementos sem vida e inorgânicos. Quando o animal morre, o elemento anímico retorna à vida anímica da espécie geral. O animal foi afastado do princípio do desenvolvimento permanente. O ser humano teve que expulsar de si todo o mundo animal para poder desenvolver-se espiritualmente. Tudo o que existe ao nosso redor tem seu valor correto por espelhar a alma humana. Devemos provar que somos dignos da Terra. A Terra foi preparada para a perfeição do ser humano.

X. Cristo e o século XX

Berlim, 25 de janeiro de 1912

A questão do Cristo mostra a maior divisão entre os hábitos do pensar e a realidade. A Gnosis criou idéias poderosas sobre a essência crística, que foram soterradas pelas que acabaram se transformando no conteúdo do movimento religioso. A Gnosis afirma que o Cristo estava ligado ao desenvolvimento da humanidade e do cosmos. Ele desceu à Terra através do batismo realizado por João Evangelista. Jesus passou a ser o amado salvador da humanidade na imaginação popular. A contemplação medieval o colocou como objeto da fé. Ultimamente, Jesus é visto como uma personalidade humana escolhida, como diz, por exemplo, Harnack. O Cristo passou a ser um deus pensado. A ciência espiritual mostra a influência dos mistérios no desenvolvimento das qualidades espirituais, pelo qual é possível ascender ao mundo espiritual. No início do cristianismo, a alma humana tornou-se madura para a autoconsagração. Os evangelhos mostram as antigas cerimônias de consagração, utilizadas por Jesus de Nazaré, mais concretamente no evangelho de João. Sua consagração pelo Cristo criou um impulso para toda a futura evolução da humanidade. O impulso crístico trouxe ao homem a busca de Deus no eu. Nas profundezas da evolução histórica, regem entidades reais; o mais especial deles é o Cristo. O conceito da salvação deve substituir o mero

conhecimento das causas. O renascimento da alma num estágio mais elevado vai ser desenvolvido a partir dos resultados da pesquisa da ciência natural e da pesquisa histórica. Sem o Cristo não existe qualquer experiência mística interior, como o ser humano irá constatar no século XX.

XI. As histórias do ser humano, do presente e do futuro à luz da ciência espiritual

Berlim, 1 de fevereiro de 1912

A partir da consciência de suas tarefas, o ser humano pode influir na sua posição no desenvolvimento. Lessing vê a necessidade das reencarnações. Herder acha que o desenvolvimento da humanidade é um plano sensato. A lógica surgiu quando a humanidade tomou consciência das leis da lógica. Devemos elevar-nos a formas de consciência que corresponderiam a uma interioridade espiritual da alma. Nos mitos, defrontamo-nos com imagens. O pesquisador espiritual da atualidade mantém o pensar lógico durante suas imaginações. A cultura egípcia era baseada em revelações. A cultura da razão surge com Sócrates. O fim da clarividência permite que vigore a cultura da observação. Nos tempos dos mitos, o ser humano sentia-se animado por Deus, mas não pelo eu. Perseo mutila Nedusa, a consciência, apresentada como o resto da antiga consciência. Pégaso é a imagem da cultura do eu. O ser humano precisa chegar à cultura do eu. Mas ele precisa ir além, chegar a uma cultura imaginativa. Antes da cultura da revelação, entre os persas viveu a cultura do entusiasmo por Mitra. A cultura crística veio depois da hebraica. A consciência do eu surge na Grécia antiga. É por isso que naquela época aconteceu o mistério do Gólgota, ponto central da evolução da humanidade.

XII. Copérnico e sua época

Berlim, 15 de fevereiro de 1912

As realizações de Aristóteles é o resumo do sentido das épocas culturais anteriores. Para ele, a natureza é viva e espiritualizada até nos espaços siderais. O conhecimento primevo da humanidade ainda reluz em Platão. Na Índia, também se encontra a interiorização do ser humano até chegar ao pensamento lógico. A doutrina dos mundos deve ser vista em Aristóteles em conexão com sua doutrina da alma. Ele é consciente de que, após a morte, o núcleo essencial espiritual-anímico continua vivo, mas Aristóteles não chega à idéia da reencarnação. Sua missão foi a de tirar a antiga cultura de um mundo espiritual. Somente com o surgimento da razão é que se dá o impulso de captar a realidade. As abstrações de Aristóteles eram realidades espirituais imediatas para Leonardo. Copérnico aplicou no mundo físico o pensar que Aristóteles trouxe. Kepler também foi um astrólogo. O espírito divino era o fundamento de todas as aparências do mundo, segundo Galileo. Giordano Bruno e Leibniz viam nas mônadas o reflexo do universo. Aristóteles apresenta uma verdadeira ciência com conteúdo espiritual. Bruno acha somente a pobreza de uma mônada para a alma humana. Agora, o pensar recebe a missão de ser o meio educador da alma numa cultura do eu superior, para poder contemplar o mundo espiritual.

XIII. A morte no ser humano, no animal e na planta

Berlim, 29 de fevereiro de 1912

Metschnikoff quer provar que a morte é o resultado de influências externas, de sinais de envenenamento. Dessa maneira, contudo, não se vê que um elemento espiritual pode agir na vida, que pode ter a ver com a morte. No reino vegetal, não se pode observar uma planta isoladamente. A Terra é um grande ser vivo. A Terra materializada pode ser comparada ao esqueleto do ser humano. A alma da Terra se relaciona com o reino vegetal, no qual os elementos agem ao longo do ano no surgimento e desaparecimento de plantas. A ação consciente é consequência do fato de que nós agimos destrutivamente no nosso organismo. Durante o sono, a pessoa vivencia no organismo a própria vegetação. O adormecer humano é comparável com o surgimento das plantas na primavera; o despertar, com o seu murchar no outono. No inverno, o ser humano vivencia melhor a sua relação com a vida espiritual na Terra. Podemos resgatar as representações das maiores profundezas da vida anímica. Os movimentos anímicos mergulham na vida físico-anímica. Para a Terra, o surgimento e

o desaparecimento de seres animais geram eventos semelhantes. Os elevadíssimos sentimentos morais vencem a constituição orgânica do ser humano. No reino animal, vivem sentimentos e paixões do organismo da Terra. Assim como no ser humano o elemento espiritual vence o instinto, a alma grupal animal vence na morte a forma exterior. Nós mesmos ganhamos mais e mais representações mentais e tornamo-nos mais ricos em impulsos da vontade. O querer destrói a totalidade da vida material. A vida mental precisa do sono, assim como a vida da vontade precisa da morte. O que não é vivido numa existência, será vivido na próxima. O que é destruído na vida mental é restaurado durante o sono. O que é destruído pela natureza do instinto é restaurado pelos sentimentos estético-morais. O que é destruído pela ação da vontade é restaurado pela maturidade da vida volitiva, que atravessa a morte e pode construir uma nova vida.

XIV. A auto-educação do ser humano à luz da ciência espiritual

Berlim, 14 de março de 1912

O ser humano é educado em períodos de sete anos respectivamente pela imitação, autoridade e pelo ideal. Depois é que pode começar a auto-educação. A ciência espiritual evita a unilateralidade de outras correntes, que rapidamente restabelecem a saúde, aumentam a memória ou geram sucesso prático. O ser humano transforma a sua personalidade através do amor, assim como a ciência espiritual entra em contato com um ser desconhecido. O impulso da consciência moral é o outro elemento. O ser superior entra em ação ao brincar com uma criança. Aí não se deve misturar com o intelecto, nada de jogar cartas nem xadrez. As combinações acontecem em geral no cérebro. A cultura da vontade é praticada na relação com o mundo exterior, quando a pessoa tenta vencer perigos externos. Ganhamos harmonia na percepção da vida quando colhemos os bens do conhecimento. A educação do querer acontece durante a vida, na medida em que a pessoa ganha o controle de seus sentimentos. O corpo físico precisa de variações para se adequar às condições exteriores. A alma precisa de concentração e de idéias fundamentais para a cultura intelectual. Também devemos aprender a esquecer corretamente, o que saudavelmente desce às profundezas da vida anímica. As leis da reencarnação e do carma são um elemento de apoio. A serenidade e a aceitação do destino fortalecem a vontade.

XV. A essência da eternidade e a natureza da alma humana à luz da ciência espiritual

Berlim, 21 de março de 1912

A consciência normal não lembra de vidas passadas. Hegel diz que a eternidade deve ser vivida na existência terrena. A vida do ser humano está ligada a estágios existenciais passados e futuros. Passa-se de um membro de um conjunto para outros membros de outros conjuntos. Apenas a totalidade do conjunto apresenta a vida terrena completamente. O eu é o ponto central permanente. Ele se vivencia no reflexo de sua própria essência. A imagem pode sumir durante o sono, mas a realidade fica. O ser humano vive no passado através de suas recordações. Quando vivenciamos o eu em ação é que vivemos a sua realidade. Quem se lembrar, deve se dizer: sou mais rico graças às minhas vivências. Durante o processo da maturidade conhecemos o eu em ação. A maturidade da vida não pode desaparecer. Após a morte, o ser humano vivencia uma retrospectiva no corpo etérico. Com a morte, as forças que agem no corpo físico durante o sono retornam à alma. Essas forças geram consciência na alma durante a morte e o novo nascimento. Durante a juventude, as vivências anímicas mergulham no inconsciente e passam a agir mais tarde como condição anímica, como estado físico. Mais tarde não podemos mais trabalhar no inconsciente. A alma se torna madura quando aprendemos da vida. A vida interior se enriquece à medida que avançamos em direção ao limiar da morte. O eu trabalha da maneira mais artística quando o ser humano entra na existência terrestre. O budismo é o último fruto de uma cultura primeva clarividente. Ele conhece apenas o eu aparente. Para a ciência espiritual, é o eu que se eleva de uma vida a outra. Ela tem a perspectiva da eternidade.

XVI. Darwin e a pesquisa supra-sensorial

Berlim, 29 de março de 1912

O conde Gobineau escreveu sobre as desigualdades das raças. Ele partiu dos diferentes tipos de seres humanos. Viu na crescente igualdade o impulso para as culturas decadentes. Darwin escreveu sobre o surgimento das espécies. Haeckel tirou daí a conclusão de que o ser humano depende da evolução das formas animais. Goethe chegou a outras conclusões, por exemplo que o espírito rege por toda parte, da espécie mais inferior à mais elevada. Para ele, as observações das ciências naturais levam a resultados ideais, espirituais. Através do estudo do cérebro de criminosos, Benedito concluiu que eles teriam semelhanças com o cérebro dos macacos. A pesquisa da ciência espiritual coloca-se paralelamente à da ciência natural. As causas dos fatos sensoriais repousam em verdadeiros fatos supra-sensoriais. O que o ser humano forma na vida material continua vivendo no espírito e cria o fundamento de uma nova encarnação, quando encontramos novamente as mesmas pessoas. O ser humano encontra a origem de si mesmo no mundo espiritual. O elemento espiritual pode descer no eu humano. O que é exterior vai morrer, mas no interior vive aquilo que tem condições de receber novos impulsos. Todas as forças se desenvolvem através da vitória sobre as forças contrárias. A saudade do mundo espiritual desenvolve-se diante do mundo dos fatos externos. É necessário incluir a pesquisa supra-sensorial na vida espiritual de nossa época.